

CAPÍTULO I

NO BURACO DO COELHO

Alice começava a aborrecer-se imenso de estar sentada à beira-rio com a irmã, sem nada para fazer: espreitara uma ou duas vezes para o livro que a irmã lia, mas não tinha gravuras nem diálogos. «É de que serve um livro», pensou Alice, «se não tem gravuras nem diálogos?»

Por isso cogitava de si para si (com certa dificuldade, porque o dia quente a fazia sentir estúpida e sonolenta), se havia de dar-se ao trabalho de levantar-se e colher margaridas pelo prazer de fazer com elas um colar de flores. Foi então que, de repente, um Coelho Branco com olhos cor-de-rosa passou a correr ao pé dela.

Não era coisa *muito* extraordinária; nem Alice pensou que fosse assim *muito* inusitado ouvir o Coelho dizendo:

— Credo! Credo! Vou chegar atrasadíssimo!

(Quando mais tarde pensou nisso, ocorreu-lhe que devia ter ficado espantada, mas naquela altura pareceu-lhe tudo bastante natural.) Porém, quando o Coelho deu em *puxar um relógio do bolso do colete*, e olhou para ele e desatou a correr, Alice levantou-se imediatamente, porque lhe passou na ideia que nunca antes tinha visto um coelho com um bolso de colete, nem um relógio que tirasse de lá, e, ardendo de curiosidade, correu pelos campos atrás dele, mesmo a tempo de o ver enfiar-se por uma enorme toca debaixo de uma sebe.

Num instante, Alice enfiou-se também atrás dele, sem pensar sequer como diabo é que havia de sair outra vez.

A toca continuou a direito como um túnel, e de repente afundou-se, tão de repente que a menina nem teve tempo de refletir e parar antes de dar consigo a descer o que lhe parecia ser um poço muito fundo.

Das duas uma: ou o poço era realmente muito fundo, ou ela estava a cair muito devagar, pois enquanto descia teve tempo de sobra para olhar em redor, e interrogar-se sobre o que ia acontecer a seguir. Primeiro, tentou olhar para baixo e perceber onde ia chegar, mas estava demasiado escuro para ver fosse o que fosse; depois olhou para as paredes do poço e reparou que estavam cheias de louceiros e de estantes de livros: aqui e ali, viu mapas e gravuras penduradas por pregos. À passagem, tirou de uma das prateleiras um pote que tinha no rótulo «COMPOTA DE LARANJA», mas, para sua grande desilusão, estava vazio. Não quis largar o pote com medo de matar alguém lá em baixo, e por isso enfiou-o a custo num dos louceiros enquanto caía.

«Bem!» pensou ela. «Depois de uma queda destas, nunca mais me vou assustar por cair das escadas abaixo! Lá em casa vão todos pensar que sou muito corajosa! Ora, eu nem sequer me havia de queixar se caísse de um telhado!» (O que era bem capaz de ser verdade.)

A descer, a descer, sempre a descer. Será que a queda *nunca* mais acabava?

Gostava de saber quantos quilómetros é que já desci — disse em voz alta. — Devo estar quase a chegar ao centro da terra. Ora, deixa cá ver: isso seria seis mil quilómetros de profundidade, acho eu.

(É que, estão a ver, Alice tinha aprendido muitas coisas deste género nas suas aulas da escola, e embora esta não fosse uma *excelente* ocasião para alardear o seu conhecimento, visto que não havia ninguém que a ouvisse, não deixava por isso de ser um bom exercício de repetição).

— Sim, deve ser mais ou menos essa distância... mas, nesse caso, a que Latitude ou Longitude terei chegado? — (Alice não fazia a mínima ideia do que era a Latitude nem a Longitude, mas achava que eram palavras pomposas para se dizer).

Então, começou de novo:

— Será que vou cair *através* da terra? Que engraçado ir sair entre os povos que andam com a cabeça para baixo! Parece-me que são os anti-patas... — (sentiu-se bastante satisfeita por desta vez *não haver* ninguém que a ouvisse, já que aquela palavra não lhe soava nada bem) — mas vou ter de lhes perguntar como se chama o país, claro está. Por favor, Minha Senhora, isto é a Nova Zelândia? Ou a Austrália? — (E tentou fazer uma *vénia* ao dizer estas palavras — imaginem só, *fazer uma vénia* enquanto se vai a cair no vazio? Acham que eram capazes?) — E ela há de pensar que eu sou mesmo uma ignorante por lhe fazer tal pergunta. Não, é melhor não perguntar: se calhar, verei o nome escrito em qualquer parte.

A descer, a descer, sempre a descer. Não havia mais nada que fazer, pelo que Alice começou outra vez a falar:

— Acho que a Dinah vai ter muitas saudades minhas esta noite! — (Dinah era a gata dela.) — Espero que não se esqueçam do seu pires de leite à hora do lanche. Querida Dinah! Quem me dera que estivesse aqui comigo! Receio bem que não haja nenhuns ratos no ar, mas podia apanhar um morcego, e isso é muito parecido com um rato, sabes? Será que os gatos comem morcegos?

E então Alice começou a ficar com muito sono, e continuou a dizer consigo mesma, numa voz estremunhada, «Os gatos comem morcegos? Os gatos comem morguegos?» e, às vezes, «Os morguegos comem gatos?», pois bem veem que, dado ela não ter resposta para nenhuma das



perguntas, não fazia muita diferença trocar as palavras. Sentiu que adormecia, e começava a sonhar que estava a andar de mãos dadas com Dinah e falando-lhe muito a sério, «Ouve, Dinah, diz-me a verdade: alguma vez comeste um morcego?», quando, de repente, catrapuz! Aterrou num monte de galhos e folhas secas e acabou de cair.

Alice não estava nada magoada, e, levantando-se imediatamente como uma mola, olhou para cima, mas estava tudo escuro: à sua frente, estendia-se outra longa passagem, e ainda se podia ver o Coelho Branco a descer por ali fora. Não havia um momento a perder: Alice correu como o vento, e chegou mesmo a tempo de o ouvir dizer, ao virar uma esquina:

— Oh, pelas minhas orelhas e pelos meus bigodes, como se faz tarde!

Ela estava mesmo atrás dele quando dobrou a esquina, mas depois o Coelho já se perdera de vista. Alice achou-se então num enorme átrio muito baixo, iluminado por uma fila de candeeiros pendurados no teto.

Havia muitas portas em redor do átrio, mas estavam todas trancadas. E, depois de o percorrer de uma ponta à outra, experimentando cada porta, a menina avançou tristemente para o centro a pensar como é que ia sair dali outra vez.

De repente, viu à frente dos olhos uma pequena mesa de três pernas, toda em vidro maciço; em cima dela havia apenas uma pequena chave dourada, e o primeiro pensamento de Alice foi que devia pertencer a uma das portas do átrio. Mas não: ou eram as fechaduras que eram muito largas, ou a chave que era muito pequena — fosse como fosse, não conseguia abrir nenhuma. Contudo, da segunda vez que deu a volta, achou uma pequena cortina em que não reparara antes, e atrás dela estava uma pequena porta de cerca de trinta centímetros de altura: tentou enfiar a chave dourada na fechadura e, para seu grande contentamento, servia!

Alice abriu a porta e descobriu que dava para um pequeno corredor, pouco maior que a toca de um rato: ajoelhou-se e olhou lá para dentro para o mais belo jardim jamais visto. Como desejava sair do escuro átrio, e passear entre aqueles canteiros de flores coloridas e aquelas fontes frescas! mas nem sequer conseguia meter a cabeça pela porta; «e ainda que a minha cabeça *entrasse*», pensou a pobre Alice, «de pouco me serviria sem os meus ombros. Oh, quem me dera poder encolher-me como um telescópio! Acho que era capaz, se soubesse por onde começar.» É que, como devem compreender, tinham acontecido ultimamente tantas coisas extraordinárias, que Alice começava a pensar que, na realidade, havia muito poucas coisas impossíveis.



Não valia a pena plantar-se ao pé da pequena porta, pelo que voltou para a mesa, meio esperançosa de encontrar lá outra chave, ou pelo menos um manual para as pessoas se encolherem como telescópios: desta vez, encontrou uma pequena garrafa («que de certeza não estava aqui antes», pensou Alice), e, atado ao gargalo, um rótulo com a palavra «BEBE-ME», vistosamente impressa em grandes letras.

Ora, a garrafa podia muito bem dizer «Bebe-me» que uma menina ajuizada como Alice não iria obedecer-lhe com tanta pressa.

— Não, vou procurar primeiro se não está aqui marcado «veneno» — disse ela, pois lera várias histórias instrutivas sobre crianças que se tinham queimado e sido comidas por animais ferozes, e outras coisas desagradáveis, só por não se *conseguirem* lembrar das regras simples que os amigos lhes haviam ensinado: como, por exemplo, que um atizador em brasa há de queimar-nos se o segurarmos muito tempo; e que se cortarmos o dedo *muito* profundamente com uma faca é normal que deite sangue, e, sobretudo, nunca se esquecera de que, se bebermos demasiado de uma garrafa onde está marcado «veneno», mais cedo ou mais tarde o líquido há de cair-nos mal no estômago.